

Gilberto Freyre fotografado por Berco em 1967

CDU 869.0 (81) Freyre 7.07 Perfil de Euclydes e Outros Perfis

PERFIL DE EUCLYDES E OUTROS PERFIS

Guilherme Figueiredo

Artigo publicado no *Diario de Notícias* (Rio de Janeiro) de 21 de maio de 1945, Suplemento Literário, p. 1. O autor nasceu em Campinas, São Paulo, em 1915. Estreou em 1936 com o livro *Um violino na sombra* (poemas) e em 1939 publicou *Vinte anos sem paisagem* (romance). É também dramaturgo e ensaísta, tendo exercido a crítica literária, musical e teatral.

No prefácio do delicioso volume de ensaios que é o "Perfil de Euclides e outros perfis" (Livraria José Olympio Editora), o sr. Gilberto Freyre esboça uma defesa à acusação que mais repetidamente se lhe têm feito: a de não escrever corretamente. A tal asserção, aqui e ali repetida sobre as mais diversas formas, o autor de "Casa-Grande & Senzala" retruca: "Não sou decerto literato — muito menos literato ortodoxamente acadêmico, senhor e voluptuoso da arte de construir convencionalmente bem suas frases. Que me perdoem, porém, a insistência ingênua e afinal inócua em me considerar escritor, admitida a distinção entre escritor e literato; admitida também no escritor simples e sem pretensões a literato a liberdade de escrever literariamente mal, de desprezar um tanto as exigências da composição, de procurar até conseguir, como puro experimentador, pequenas vitórias de decomposição de regra, de estilo e de convenções literárias e de combinação nova de palavras que reatem às vezes tradições esquecidas". De fato reconhecida a distinção entre literato e escritor, tal como a esboça o sr. Gilberto Freyre, força é convir a sua inclusão no segundo termo.

Parece-me, entretanto, que um estudo estilístico das suas melhores páginas o colocaria no mesmo esquema de voluptuosidade verbal por ele próprio aberto para Euclides da Cunha, excluída a ênfase do autor de "Os sertões". Cito um trecho desse ensaio, o melhor até hoje aparecido sobre o historiador de Canudos: "Daí a exagerada sensualidade verbal, a ênfase anticientífica e também antiartística em que às vezes se empasta a sua palavra nem sempre a serviço fiel dos seus olhos: traindo-os às vezes para seguir os ouvidos ou a imaginação de ado-

lescente". No sr. Gilberto Freyre, se não encontramos essa traição pela palavra, sempre se descobre a sensualidade; e se não o atrai a ênfase, ao contrário, uma simplicidade hospitaleira de estilo, nem por isso ela aparece como rigorosamente científica toda a vez que envolve o escritor na delícia puramente literária de descrever.

O intérprete social, no sr. Gilberto Freyre, nos deu as páginas mais vigorosas dos contrastes da nossa vida patriarcal: a casa-grande e a senzala, o sobrado e o mocambo, o apogeu e a decadência da cana-de-açúcar — e certamente ainda nos dará outros tantos estudos que prolonguem a história social brasileira até os nossos dias, outros tantos contrastes que já repontam em ensaios menores deste seu último volume: a estrutura abstratamente jurídica do litoral brasileiro em contraposição ao "hinterland" esquecido, a macrocefalia dos aparelhamentos governamentais para uma reduzida eficácia nas terras longínquas para as quais Euclides da Cunha foi o primeiro a chamar atenção. Mas dentro dessa obra indiscutivelmente sociológica, o amoroso das palavras, o escritor, nem sempre conseguirá, como não consegue, às vezes, reprimir esta outra paixão, que mede da primeira a distância que a poesia mede da vida. O sensual não terá aqui a vaidade preciosa dos termos rebuscados, ainda que "angulosos" — para usar o tão exato adjetivo que encontrou para a prosa de Euclides.

Mas deixar-se-á seduzir pelo seu próprio vocabulário de um pitoresco poético invejável, em que o analista frio prefere ser o entusiasta ardente da nossa fala popular. Se a Euclides da Cunha repugnava "o gordo, o arredondado, o farto, o satisfeito, o mole das formas; seus macios como que de carne: o pegajento da terra, a doçura do massapê", ao sr. Gilberto Freyre esses aspectos encantam de maneira muito lírica e tropical. Isto nada tem a ver com a indagação de se escrever gramaticalmente mal ou bem, pois já estaríamos, a esta hora de vitória sobre os cânones lusitanos, a indagar o que se haveria de entender por "gramaticalmente". O que pretendo salientar é justamente uma contribuição eminentemente literária do sociólogo pernambucano as nossas letras — uma contribuição bastante visível, dado o número de imitadores que, pretendendo reproduzir a sua sociologia, apenas pasticham a sua linguagem, e a traduzem em ficção secundária.

O sr. Gilberto Freyre nos deu, com seu estilo, uma verdade brasileira intensamente popular, bem mais natural do que a reconciliação ítalo-brasileira tentada inteligentemente por um Antonio de Alcântara Machado, por exemplo. Em todos os seus estudos logo que se interrompe uma exposição erudita — esta aliás traduzida também para o paladar fácil dos leigos — os períodos se espraiam em enumerações que o autor buscou com todos os sentidos e agradou com todas as saudades O sr. Gilberto Freyre denuncia, na sua imagística, na sua recapitulação de fragmentos descritivos, uma saudade sensual da coisa, através da amizade pelo paladar da palavra. Ao focalizar o que há de "descomunal" na descrição da terra e do homem do sertão euclidiano, a sua linguagem nos convida a uma aproximação, que está ali, feita, pronta para a degustação do leitor. O seu

penetrante estudo do estilo de Euclides é quase um constante convite, mais uma oferta à comparação com seu próprio estilo. São afinal duas épocas, a da grandiloqüencia que nos deu as nobres frases esgalhadas de *Os Sertões* e o macio gostoso da sintaxe de *Casa-Grande & Senzala* e toda a série de obras do sr. Gilberto Freyre até o *Perfil de Euclides e outros perfis.* E nós, que estamos nesta segunda época, só se quiséssemos negar todos os esforços de recuperação da fala brasileira poderíamos concordar em ser um crime gramatical o estilo do sr. Gilberto Freyre. A sua justificativa, se é necessário apresentar alguma, já poderia ter sido encontrada em Benedetto Croce, quando diz, ao estudar Giambattista Vico: "Egli scrive male, se cosi piace dire; ma di quello scriver male del quale i grandi scritto, ri portanto con sé il secreto".

Por mim, se valesse trazer à baila uma pura questão de gosto pessoal, me agradaria não encontrar nesse estilo um certo número de cacoetes, como o excessivo emprego dos gerúndios, o de iniciar um segundo período para explicar um substantivo incidental do primeiro, ou períodos enormes como um, em forma interrogativa, no prefácio à seleção de *As Farpas* para a Editora Dois Mundos, ou as enumerações por vezes fastidiosas.

Mas força é reconhecer que se tudo isto rouba concisão ao sr. Gilberto Freyre, permite-lhe entretanto a voluptuosidade nordestina da frase não do brilho, mas de um certo paladar que o autor é o primeiro a sentir. E falo de paladar sem nenhum sentido metafórico, pois me parece que esta palavra precisa bem a "maneira" do autor, desde quando descreve os doces do Norte, os pratos geniais da cozinha afro-brasileira e indio-brasileira, os milagres dos quitutes das pretas, o receituário do "Açúcar", até quando se demora em narrar as aptidões de "gourmands" de Varnhagen e Rio Branco. Toda a prosa do escritor pernambucano é uma lembrança saudosa das abundâncias do engenho. Toda a sua adjetivação lhe vem pelas papilas da língua, numa compreensão sensual das coisas. "Guloso de mulheres bonitas", "palavras arredondadas na boca das pretas, como os bolos nas mãos são expressões que me ocorrem, como me ocorre a insistência com que usa os vocábulos "gosto", "paladar", "sabor", e a constância em seus livros de sugestões dos prazeres da mesa. Neste "Perfil de Euclides", para dizer que o seu retratado era um homem de boca difícil, consome bem meia página registrando o lamentável desdém pelos bons pratos. O trecho começa assm: "Teodoro Sampaio contou-me uma vez — por sinal que à sobremesa de um excelente jantar de peixe de coco em casa de Aníbal Fernandes. . .", para continuar: "Nem moças bonitas, nem danças, nem jantares alegres, nem almoços à baiana, com vatapá, caruru, efó, nem feijoadas à pernambucana, nem vinho, nem aguardente, nem cerveja nem tutu de feijão à paulista ou à mineira, nem sobremesas finas, segundo velhas receitas de iaiás de sobrados, nem churrascos, nem mangas de Itamaracá, abacaxis de Goiana, assaí, sopa de tartaruga, nem modinhas ao violão, nem pescarias na Semana Santa, nem ceias de siri com pirão, etc.", para concluir que Euclides não amava esses prazeres que o Sr. Gilberto Freyre desfia como que lamentando essa estreiteza sociológica do autor de *Os Sertões* . Não vai em minha observação maldade alguma, que sei o que são essas alegrias,

e até as nutro na imaginação, lendo os diálogos do filósofo Vives e os ensaios do sr. Gilberto Freyre. Mas se acrescentarmos aqui toda a sensualidade tradicionalista do sociólogo, as suas minuciosas descrições de móveis, de prazeres, de festas antigas, a sua censura ao liberalismo de Pedro II que lhe fez perder o trono, o seu carinho pelo patriarcalismo, o seu desdém pelas fórmulas jurídicas abstratas, teremos uma nítida compreensão do esforço que faz o aristocrata para conciliar toda a sua ternura com as fontes progressistas do seu pensamento puro. Não estou dizendo, é evidente, que tradição e progresso se repelem: digo que essa tradição aristocrática deixa entrever, nos estudos sociológicos do sr. Gilberto Freyre, um não-sei-que de nostalgia, como se o homem do presente lamentasse o que se perdeu e se destruiu na necessária evolução do nosso patriarcalismo para o nosso capitalismo. Não é bem "saudade" a palavra que procuro. Preferiria mesmo "homesickness", a saudade sentida por quem está longe do lar.

Isto não ocorre apenas ao sr. Gilberto Freyre, mas a muitos analistas dos nossos problemas sociais. Talvez porque lhes fale mais de perto o "nascimento ilustre", cujo gosto é fácil observar em "Casa-Grande & Senzala", mas que também se encontra nos srs. Caio Prado Júnior, cuja visão progressista é incontestável, e Oliveira Viana, este definitivamente fixado numa ordem conservadora de pensamento político. Ainda não tivemos o pensador popular, e para nós, mais do que para ninguém, vale a frase de Rousseau quando dizia que quanto à educação um rapaz rico está trinta anos adiante de um pobre. Reduzo aos limites da nossa pobreza deseducada e à classe remediada, a que chamamos rica pela possibilidade de freqüentar escolas e fazer estudos especiais, o que Rousseau entenderia por "pobre" e "rico". Ainda assim, a interpretação social no Brasil continuará sendo uma possibilidade para ricos, o que dá ao sr. Gilberto Freyre, como ao sr. Caio Prado Júnior a nunca demasiadamente elogiada atitude de terem superado as fáceis seduções que os poderiam envolver. Durante muito tempo, o pensamento do sr. Gilberto Freyre, atraído pelo gosto – e também pela necessidade de estabelecer premissas – permaneceu no exame desse passado. Foi moda mesmo acusar o seu livro mais importante de ser uma obra sem conclusões. E' grato verificar que o autor já vem começando a abordar essas conclusões, sobretudo através de uma multiplicidade de artigos de imprensa, corajosos e justos. Os ensaios que reuniu em "Perfil de Euclides e outros perfis" são, por assim dizer, anteriores a esse momento, ou à margem dele, até mesmo porque em sua maioria abordam figuras e assuntos puramente literários; mas quero crer que venham marcar a última fase do levantamento do passado no pensamento do autor. Os artigos que publicou pela imprensa carioca em 1943 já nos mostram o homem encarando o presente, interessado no momento atual, sofrendo-o com grandeza, com uma grandeza que deve ser apontada como exemplo para muitos dos que o cercam e muitos dos que preferem ignorá-lo. Este é o caminho pelo qual o seu pensamento me alimenta a confiança de hoje, e me traz a esperança de um amanhã.